

Recebido em 14/07/2019. Aceito em 02/08/2019.

# CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DE ANÚNCIOS DE MODELOS TRANSMASCULINOS EM UM SITE PORNOGRÁFICO E SEUS EFEITOS PERFORMÁTICOS

## DISCURSIVE CONSTRUCTIONS IN ADVERTISEMENTS OF TRANSMASCULINE MODELS IN A PORNOGRAPHIC WEBSITE AND THEIR PERFORMATIVE EFFECTS

Dánie Marcelo de Jesus<sup>1</sup>

Vicente Tchalian<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho, nosso objetivo é analisar as construções discursivas de anúncios de modelos transmasculinos em um site pornográfico. O referencial teórico abarca a perspectiva das teorias de gênero e sua relação com a linguagem e discurso e o conceito de performatividade. Metodologicamente, este estudo se enquadra em um paradigma de pesquisa qualitativo-interpretativista. Para a geração dos dados, foram analisados 76 perfis disponíveis na seção *transboys* do site, a fim de identificar a construção de suas performances e como essas se apresentam em termos performativos, ao passo que possibilitam a criação de outros referenciais e repertórios no espectro das masculinidades. Os resultados sugerem tanto uma tendência à reprodução de masculinidades hegemônicas quanto a negociação e afrouxamento de parâmetros anatômico-linguísticos que generificam os corpos em masculinos ou femininos. Nessa perspectiva, há perfis que transitam com maior facilidade entre os gêneros e performances, enquanto outros seguem com maior rigor os parâmetros sociais de masculinidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transmasculinidades. Discurso e linguagem. Performatividades. Site pornográfico.

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze discursive constructions in advertisements of transmasculine models in a pornographic website. The theoretical framework is that of gender theories and their relationship with language and discourse, as well as the concept of performativity. As far as methodology is concerned, this research is framed within a qualitative-interpretative paradigm. Data included 76 personal profiles available in the website's "transboys" section, all of which were analyzed

1 Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, professor do Departamento de Letras e dos Programas de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL) e em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO). E-mail: daniepuc@gmail.com

2 Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea. E-mail: tchalian2@gmail.com

towards identifying the construction of their performances of masculinity, and the way they are performative as they make it possible other references and repertory in the spectra of masculinities. Results suggest both a tendency to reproduce hegemonic masculinities and to negotiate and attenuate anatomical and linguistic parameters that classify bodies in male or female. A few of the profiles analyzed traverse more easily between genders and performances, while others adhere more strongly to social masculinity parameters.

**KEYWORDS:** Transmasculinities. Discourse and language. Performativity. Pornographic website.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a discussão sobre o tema transgeneridades vem ganhando mais espaço, seja acadêmico (ALMEIDA, 2012; PRECIADO; 2013, EDELMAN; ZIMMAN, 2014; EDELMAN, 2014), seja na grande mídia, com personagens, atores e artistas<sup>3</sup>, seja na produção literária (NERY, 2011; MOIRA, 2016), seja, ainda, pelo número de assassinatos registrados no Brasil<sup>4</sup>. A visibilidade desses corpos transformou-se em um fenômeno social, econômico e cultural com forte impacto em nossa sociedade de consumo, particularmente na indústria pornográfica, ávida por novidades para seus milhares de usuários. O crescente interesse por corpos andróginos, com diversas orientações sexuais, quer sejam hetero, homo, bis e assexuados, ocorre por sua peculiaridade, vistos como seres apetitosos para o mercado dos desejos, particularmente de homens trans, que podem ser percebidos como objeto de fetiche no mundo neoliberal.

Apesar de ter se tornado um assunto bastante recorrente, poucos trabalhos na seara do discurso em Linguística Aplicada (BORBA, 2014a; 2014b; 2014c; 2016) se preocupam em estudar as construções discursivas de corpos de pessoas trans. Compreender esse fenômeno é entender como corpos transmasculinos vêm sendo representados discursivamente e ampliar o nosso escopo de entendimento da relação discurso e sociedade contemporânea, pois, ao mesmo tempo em que são lidos com abjetos em diversos contextos, na indústria dos desejos, ao contrário, podem assumir um papel central na comercialização desse grupo específico.

Vale ressaltar que este trabalho se vincula ao viés da Linguística Aplicada indisciplinar (MOITA LOPES, 2006; FABRÍCIO, 2017; SOUZA; ZOLIN-VESZ, 2018) que se socorre de um arcabouço teórico transdisciplinar e se afasta de uma vertente que postula a ideia de aplicação da Linguística e de uma ciência essencialista das relações sociais. Nessa visão, as teorias que nos fundamentam são cruzadas pelo campo das Ciências

3 Recentemente temos o caso da atriz Maria Clara Spinelli, mulher trans que integra o elenco Rede Globo, Renata Carvalho atriz de teatro, além do ator trans Léo Moreira Sá. Disponível em: <https://nlucon.com/2016/06/09/gloria-perez-escala-atriz-cis-para-interpretar-personagem-trans-comunidade-t-se-divide/comment-page-1/>. Acesso em: 19 jun. 2019; na produção musical, destacam-se As Bahias e a Cozinha Mineira, Liniker e Linn da Quebrada. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/liderada-por-vocalistas-trans-as-bahias-a-cozinha-mineira-se-apresentam-no-rival-20662088>. Acesso em: 19 jun. 2019.

4 Entre janeiro e agosto de 2018, foram 96 pessoas trans assassinadas, conforme dados retirados da Trans REDE TRANS. *Assassinatos*. Disponível em: <http://redetransbrasil.org.br/category/assassinatos/>. Acesso em: 17 ago. 2018.

Humanas e Sociais, com o objetivo de promover inteligibilidade dos problemas de ordem social e sua relação com a linguagem e o discurso (MOITA LOPES, 2006, ZOLIN-VESZ, 2018). No nosso caso, sites pornográficos com modelos trans se apresentam como uma questão social relevante para pesquisa na contemporaneidade e para a área de linguagem, à medida que produzem discursos sobre corpos e gêneros demonstrando como nossa sociedade se organiza. Ressaltamos que nossa perspectiva indisciplinar não deve ser apenas entendida por conta da escolha do objeto analítico, mas em decorrência de um olhar epistemológico que entende o mundo sempre em transição e não fixo. A linguagem, nesse caso, não é compreendida como neutra, mas envolvendo sempre escolhas ideológicas e políticas. Igualmente, entende-se que os diferentes sentidos só podem ser compreendidos dentro de seu lócus de enunciação. Assim sendo, nosso trabalho não se centra no uso da língua e suas questões de organização léxico-gramatical, como se observa em algumas vertentes discursivas, mas na produção de enunciados que colaboram na disposição de certos sentidos em determinado momento sociodiscursivo (FOUCAULT, 2008).

Portanto, nosso objetivo neste artigo é entender como se dão processos de construção discursiva de homens trans em anúncios no site “Câmera Prive”, com conteúdo pornográfico. A escolha desse ambiente como local de investigação deve-se ao fato de ser um contexto em que esses corpos podem negociar sua aparição (BUTLER, 2018). Apesar de hoje ser possível manter uma resistência e viver transgressões e transcendência dos gêneros em diversos espaços, ainda são muito poucos os que possibilitam relações de prazer e afeto entre pessoas trans e não trans. No Brasil, encontramos algumas páginas da internet e grupos em redes sociais que se encarregam de informar e unir a população trans.

Sobre o campo, é importante ressaltar que tanto as relações quanto as performatividades de gênero, assim como as relações tecidas no contexto analisado só ocorrem justamente por se tratar desse ambiente específico, o que chamamos de ambiente virtual. Nas entrelinhas dos códigos binários e algorítmicos da rede, possibilidades de resistências e expressões de alteridade ganham espaço; pensar as relações entre os modelos aqui observados e seus clientes fora da tela consistiria, provavelmente, em um relevante aumento de vulnerabilidade e diminuição do trabalho, talvez até mesmo impossibilitando-o. Nesse sentido, a internet funciona tanto como uma ferramenta de segurança para os modelos quanto como uma espécie de vitrine, onde novas possibilidades são ofertadas aos consumidores. Além disso, precisamos entender que o ambiente digital também faz parte de práticas mais contemporâneas de busca de parceiros sexuais e/ou afetivos. Portanto, os dados que são mostrados neste artigo só podem ser entendidos se levarmos em consideração que estamos dentro de um espaço com suas peculiaridades sociais e culturais, completamente diferente de relações mediadas por interações presenciais.

Enfatizamos que nosso processo analítico não pretende criar qualquer generalização, mas entender os efeitos *performativos* e recursos semióticos simultaneamente utilizados que produzem sentidos no contexto específico. Como aponta Borba (2014a), essa abordagem teórico-metodológica entende que os

recursos semióticos disponibilizados por determinados discursos estão no mundo, são parte constitutiva da vida social; nesse sentido, usar um determinado signo é se engajar em ação social que produz localmente e reproduz translocalmente certas relações históricas, culturais, políticas, sociais e identitárias (BORBA, 2014a, p. 24).

Por fim, a análise se baseia na relação entre discurso e sexualidade apresentada nos anúncios do site com o objetivo de responder à seguinte questão: como se dá a construção discursiva de performances masculinas nos anúncios dos modelos transmasculinos no contexto do site? Para esquadrihar nosso *corpus*, buscaram-se parâmetros analíticos e metodológicos nos estudos sobre discurso e alguns princípios dos estudos sobre *performatividade*, com a finalidade de entender a construção discursiva de transmasculinidades que se mostra no discurso do site. Ao concluir, procuramos refletir sobre a importância da pesquisa a respeito de gênero e sexualidade no contexto digital, bem assim de suas consequências políticas, culturais e sociais no âmbito dos estudos relativos à linguagem.

## LINGUAGEM, DISCURSO, PERFORMATIVIDADES E TEORIAS QUEER

A relação entre linguagem, discurso e teorias *queer* fundamenta-se em estudos pós-estruturalistas de base foucaultiana que procuram questionar a manutenção de processos binários de hierarquização e de exclusões. Desse modo, sexualidade humana e identidades de gênero são entendidas como construções sócio-históricas moldadas discursivamente. Discurso, segundo Fairclough (2001)<sup>5</sup>, deve ser compreendido como práticas sociais de diversas naturezas – linguística, educacional, política, entre outras tantas – que produzem sentidos acerca do que está sendo enunciado. Portanto, as categorias heterossexualidade e homossexualidade, como as conhecemos, só têm sentido porque temos experiências sociais que legitimam o que é um comportamento adequado.

Nessa perspectiva, as teorias *queer* – aqui no plural, seguindo as recomendações de Borba (2014c), ao destacar a não universalidade da teoria – procuram compreender os dispositivos sociais e culturais que auxiliam na manutenção da inteligibilidade de gênero (BUTLER, 2010); esta indica o que é normal e natural para as subjetividades. Dentro desse raciocínio, o feminino deve ser entendido como algo frágil, emotivo e vaginal, enquanto o masculino, sinônimo de pênis, lógica e agressividade. Particularmente, neste momento histórico, essa matriz de inteligibilidade de gênero é constantemente convocada como moeda política para o silenciamento de subjetividades, como as trans, ou então, as posicionam apenas como objeto de fetiche sexual.

Devemos ressaltar que todo discurso em torno da inteligibilidade de gênero ocorre por meio de um sofisticado sistema diádico – homens cisgêneros/homens trans, branco/negro, belo/feio, bom/mau – privilegiando um grupo em detrimento de outro. Contudo, devemos enfatizar que um elemento do par não se apresenta sem o outro, porque a sua própria existência ilocucionária se dá por meio desse jogo da linguagem; em outros

5 Apesar de usarmos o conceito de discurso proposto por Fairclough (2001), destacamos que não nos ativamos aos critérios analíticos da Análise Crítica do Discurso, mas nos utilizamos desse conceito para assessorar a compreensão dos dados coletados.

termos, para que eu enuncie que alguém é feio, é preciso haver sentidos construídos de beleza como parâmetros para essa declaração. O que esses estudos contemporâneos propõem é o deslocamento dessa lógica dita como a única possível, para evidenciar que existem outras tantas no emaranhado de combinações possíveis.

No plano da linguagem, Butler (2010) nos chama a atenção para o fato de que gênero não é uma qualidade inerente individual, algo intrínseco ao sujeito, que se materializa em ações, mas gerenciada por modelos performáticos de identidade, nos quais nossos atos são constantemente reproduzidos e reatualizados discursivamente em contextos históricos e culturalmente específicos. Borba (2014c) nos adverte, contudo, de que essa percepção do sujeito e do corpo como uma consequência discursiva gerou diversos equívocos no tocante à relação entre *performance* e performatividade, como se a identidade de gênero pudesse ser modificada como trocamos de roupa, negando a materialidade do corpo e suas violências simbólica e física. Entender gênero como performático é compreendê-lo dentro de um contexto discursivo que constrange e limita os seus envolvidos em rígidos comportamentos, quase sempre alinhados a uma heterossexualidade hegemônica que delimita as possibilidades de atuação, enrijecendo os corpos, conformando-os dentro dos parâmetros linguísticos, médico-jurídicos e psicossociais.

Um dos exemplos mais didáticos dos estudos de gênero—é o nascimento de uma criança; a frase enunciada naquele momento é *performativa* e não *constatativa*. Ao proferir a frase “é uma menina”, o que se está fazendo não é descrever o que se observa com base em parâmetros discursivo-anatômicos pautados em discursos médico-jurídicos; na realidade, o discurso cria à medida que promete descrever. Ao enunciar a frase “é uma menina”, uma série de outras associações são feitas e é designado àquele corpo recém-chegado um ou outro papel social e suas consequências. Por isso,

Resulta daí que o gênero não está para a cultura como sexo está para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural, pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como pré-discursivo, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2010, p. 25).

Baseados nesse referencial teórico sucinto, propusemo-nos a pensar o discurso presente nos anúncios de modelos transmasculinos e homens trans no site “Câmera Prive” como *performativos*, concomitantemente descrevendo e criando potenciais corpos desejantes e desejáveis, considerando que o “corpo” é em si uma construção, assim como é a miríade de “corpos” que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero (BUTLER, 2010, p.27).

## METODOLOGIA, CONTEXTO E PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

O site “Câmera Prive” foi criado e registrado em São Paulo – SP, no ano de 2013; consiste em uma rede online de webcams e é descrito como “sexo ao vivo na webcam”. Na página inicial<sup>6</sup>, há quatro seções: *garotas ao vivo*, *transsex ao vivo*, *garotos ao vivo*

6 Disponível em: <https://cameraprive.com/br/transguys>. Acesso em: 24 mai. 2019.

e *transboys ao vivo*, essa última sendo mais recente, inaugurada no ano de 2018. Há também opções de cinco idiomas (português, espanhol, italiano, francês e inglês) e o local de inscrição; para realizar o cadastro no site, é necessário preencher um formulário com nome, CPF, endereço, telefone e e-mail. Há duas opções de login, *usuário e modelo*. Para acessar os chats, entretanto, o usuário do site precisa comprar créditos por meio do uso de cartão de crédito, débito online ou boleto eletrônico e, para tal, o site é equipado com sistemas de segurança, sendo garantido sigilo absoluto quanto aos dados. Ao acessar a área principal, o site redireciona para outra página, em que estão escritas todas as informações sobre esse espaço virtual. Os créditos variam entre o valor mínimo de 10 créditos, com o custo de R\$ 9,99 e 300 créditos, com o custo de R\$ 299,99, que podem ser utilizados para chat ou compras de vídeos, álbuns e fotos que os modelos disponibilizam em seus perfis. A categoria chat conta com duas opções: *chat simples*, com o custo de R\$1,35 por minuto, ou *chat privado/exclusivo*, com o custo de R\$2,40 por minuto. Essas informações foram colhidas durante o período de geração dos dados, que se deu entre agosto e setembro de 2018. Cabe a cada modelo definir o que será exibido em cada uma das categorias, mas, de modo geral, eles reservam os “papos mais quentes” ao modo privado. Após os encontros no chat, é possível que os usuários avaliem os modelos, curtam os perfis e avaliem os “shows”, como eles mesmos chamam.

Neste artigo, nos propusemos a analisar de forma mais ampla 76 perfis disponíveis na seção *transboys* do site, a fim de identificar a construção das performances de masculinidades ali expressadas. Levamos em consideração a etnia, presença ou não de evidências de terapia hormonal, como pelos e barba, realização ou não de cirurgias, expressão de gênero binária ou não, entre outras. Escolhemos também os cinco perfis com maior número de curtidas, com a intenção de aprofundar mais o olhar nos discursos ali presentes e validados por meio dessas ferramentas de interação do próprio site.

Também foram realizadas entrevistas em formato de conversas informais com dois dentre os cinco modelos por meio de conversa em *chat simples* com a finalidade de entender a sua atuação. Durante essas conversas, inicialmente, foi explicado que se tratava de um pesquisador – também homem trans – e que os dados gerados seriam utilizados para a elaboração de um artigo científico; também foi esclarecido que nenhuma identificação seria utilizada, a fim de assegurar a proteção e integridade dos modelos. Os entrevistados aceitaram e assinaram a autorização para realização da pesquisa. Em seguida, foram feitas as seguintes perguntas: *Como é o trabalho? Gosta ou não do trabalho? Considera rentável? O que é mais recorrente nos pedidos? Alguma outra consideração?*

Ao ingressar na área reservada para usuários, já com o cadastro feito, a pessoa escolhe uma das quatro categorias, no nosso caso *transboys*; ao clicar, é redirecionada a uma página com perfis de modelos em que são expostos foto e nome. A seção intitulada *transboys* conta com 76 modelos que se apresentam com as seguintes características: 16 negros, 10 pardos, 50 brancos, 74 masculinos, 2 não-binários, 58 com hormônios, 16 não identificáveis, 2 sem hormônios, 18 com cirurgia, 34 não identificáveis, 24 sem cirurgia, 8 com sobrepeso, 1 gay, 2 bissexuais, 1 pansexual.

Em uma breve observação, pudemos concluir que a maioria dos modelos é branca, com performance de gênero masculina hegemônica, hormonizados e musculosos, com barbas

e pelos pelo corpo. Quanto à cirurgia de mastectomia masculinizadora<sup>7</sup>, não foi possível identificar o número exato, dado o fato de que muitas das fotos não exibem essa parte dos corpos dos modelos, que estão, normalmente, ou com camiseta ou de costas, levando a crer que a cirurgia pode não ter sido realizada; entretanto, há um considerável número de perfis que exibem tanto a presença quanto a ausência de intervenções cirúrgicas. Diante do número expressivo de dados, optamos por analisar neste artigo apenas os cinco modelos com mais curtidas no site.

## DISCURSO-CORPO: A PERFORMATIVIDADE DOS ANÚNCIOS DE VÍDEOS ERÓTICOS NO SITE “CÂMERA PRIVE”

Segundo Shalom (1997, p.186), o gênero textual anúncio é um tipo de texto encontrado desde o século XVIII, na Inglaterra, com a finalidade de oferecer/procurar ou comprar um determinado objeto. Portanto, desde sua gênese, esse gênero textual tem uma função comercial. Essa peculiaridade tornou-se fundamental para entender como o anúncio vem sendo ressignificado na contemporaneidade na busca de parceiros sexuais. Não estamos diante apenas de busca de pessoas, mas de um processo de *comodificação* de indivíduos em produtos de consumo que, segundo Fairclough (1992), não pode ser entendido apenas no sentido econômico, mas como um processo pelo qual os domínios sociais vêm organizando o produto, distribuindo o consumo de mercadorias, no nosso caso, corpos trans.

Nos nossos dados, os anúncios criam um laço comunicacional que procura atrair o usuário da plataforma por meio de atributos físicos (peso, altura, juventude), intelectuais (inteligente e consciente), orientação sexual (pansexual), formação educacional (nível universitário), características interpessoais (simpatia e humor), habilidades e características eróticas (excitado, clitóris, peito, vagina) que leve o cliente ao prazer (tesão, excitação).

Em termos textuais, os anúncios também procuram ser diretos e econômicos nas suas escolhas linguísticas, enfatizando vocativos (oi, tudo bem?), processos verbais que sugerem movimentos (mostrar, ir), mentais (gostar, adorar), modalizadores que insinuam uma falta de limites para o desejo do usuário (pode ser mais agradável), dêiticos que situam os interlocutores no contexto espaço-temporal em que o enunciado está sendo realizado (aqui, onde) e adjetivos que qualificam a experiência como prazerosa (ótimos desejos, belos momentos). Todas essas estratégias linguísticas têm como única função promover o produto, a fim de demonstrar sua qualidade e persuadir o consumidor a comprá-lo, sempre mediado pelo sigilo. Essas características linguísticas são semelhantes às de propagandas de produtos de carros ou outros quaisquer, que focam na satisfação do cliente no pagamento do produto.

Como apresentado na seção anterior, os perfis dos modelos são compostos por homens trans brancos, com diversas orientações sexuais, com práticas performáticas de gênero masculinas mais ou menos hegemônicas. Ressaltamos, contudo, que não é objetivo de nossa pesquisa enquadrar ou fixar os modelos em uma categoria essencialista

7 A cirurgia de mastectomia masculinizadora consiste na retirada das mamas e reconstrução de mamilo e peitoral seguindo os padrões anatômicos associados a corpos masculinos. Desde o ano de 2013, é uma das etapas do Processo Transexualizador do SUS para o tratamento de homens trans e pessoas transmasculinas. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803\\_19\\_11\\_2013.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html). Acesso em: 19 jun. 2019.

desses sujeitos, uma vez que são heterogêneos, com traços comuns que possibilitam sistematizar a construção discursiva dos seus enunciados. Procuraremos demonstrar essa pluralidade nos exemplos que seguem<sup>8</sup>.

### Excerto 1

#### A

1,73 de altura, 72kg. Quero te mostrar o que sou, mostrar que existe muitas outras possibilidades de ter prazer. Te mostrar o novo, talvez desconhecido, te mostrar o que existe de bom, um *homem com buceta* CHAT SIMPLES: Aqui podemos ter uma conversa a vontade, mas não fico nu!

CHAT PRIVADO: Realizo todos seus desejos e mostro tudo que você quiser! Aqui é onde nossa imaginação não tem limites e o prazer é o que nos move, então vamos nos descobrir e desfrutar de ótimos desejos e belos momentos, vem.

Fonte: "Câmera Prive"

No Excerto 1, **A** se apresenta como um corpo masculino trans desejável e simétrico entre seu peso e altura – "1,73 de altura, 72kg" –, portanto um corpo magro e alto, dentro dos padrões performáticos de beleza masculina. Na construção de seu personagem, nota-se um artifício linguístico, recorrente nos perfis dos homens trans, o intercambiamento entre os pronomes eu e nós. O pronome "eu" surge constantemente quando o modelo evoca seus atributos, enquanto o segundo, "nós", parece enfatizar as possíveis vantagens que o usuário<sup>9</sup> teria dentro dessa relação de desejo. Essa descrição demonstra também que o modelo procura se vender como um produto novo, exótico (homem com buceta) e diferente, capaz de ofertar prazeres ilimitáveis para o cliente. Diante disso, um produto que merece ser melhor pago na entrada do consumidor na sala. Esse traço também se configura como semelhante no perfil do próximo modelo, apesar de apresentar novas singularidades no seu enunciado.

### Excerto 2

#### B

Solteiro. Bissexual. Realizo fetiches. *6cm de clitóris*. Brinquedinhos. Venham se divertir sem medo. A curiosidade é amiga do prazer. Sejam bem vindos e por favor, não esqueçam de avaliar ao final do show. CHAT SIMPLES: Abra sua mente antes de pedir para eu abrir minhas pernas!

CHAT PRIVADO: Entre Webcam vale tudo\*

Fonte: "Câmera Prive"

8 Para preservar o anonimato dos participantes, optamos em colocar letras do alfabeto, ao invés de nomes, para que não fossem identificados. Também os exemplos são apresentados sem nenhuma alteração do seu conteúdo linguístico.

9 Utilizaremos as palavras usuário, cliente e consumidor como sinônimos neste artigo, pois essas performatividades constituem as interações observadas nos dados.

Nesse enunciado, destaca-se uma ênfase aos atributos do modelo e a possibilidade de se tornar um objeto de diversão para seu cliente, ressaltando um ar de exotificação – *te mostrar o novo, o desconhecido* – ou ainda a afirmação de que *a curiosidade é amiga do prazer*. Esse apelo parece ser bastante funcional, uma vez que se trata de um dos perfis mais visitados. Portanto, uma performatização bastante eficiente para o contexto em curso que visa vender um produto altamente desejável.

Nesse jogo de prazer que é estabelecido pelo modelo e seus possíveis leitores, também se constrói um discurso que enfatiza a normatização heterossexual. A ênfase dada ao *status* de brincadeira pode sinalizar que não há uma desestabilização de qualquer relação de gênero e de sexualidade entre os participantes, pois é provável que o leitor ainda se perceba como um homem cisgênero que penetra uma “buceta”, portanto está salvo de qualquer questionamento identitário, sendo o contrário também válido – homens cisgêneros homossexuais curiosos em ter relações com vaginas sem deixar para trás sua construção identitária. Assim, o discurso que se apresenta pode, ao mesmo tempo, esticar a compreensão da plasticidade das expressões de identidade. Por outro lado, pode solidificar outros padrões que se mantêm, como a exotificação das identidades trans e apenas a objetivação dos seus corpos.

Desse modo, o perfil desse modelo parece colaborar com a percepção de Butler (2010) sobre a construção discursiva do corpo como não deslocada de uma matriz de heteronormatividade. Certamente o modelo não teria tanto sucesso se não se apresentasse com um *homem de buceta* capaz de ampliar os prazeres de homem cisgêneros.

Outro aspecto relevante na construção discursiva dos perfis dos modelos é a clareza do espaço do seu dizer. Eles compreendem que estão em um site pornográfico cujo objetivo é ampliar a noção de prazer e de satisfação dos seus usuários; por tal sorte, o mistério e a possibilidade de novas experiências precisam ser constantemente revalidados, como visto no excerto seguinte.

### Excerto 3

**C**

eaai, muito prazer, me chamo **C** rrsrrs falando em prazer, to aqui pra isso... adoro exibição, conversas e putaria... vamos nos conhecer em chat, é melhor...

CHAT SIMPLES: Vamos pra la que eu te mostro rrsr

CHAT PRIVADO: Vem que eu te mostro o que faço em privado rrsr

Fonte: “Câmera Prive”

No excerto 3, **C** apresenta uma performance diferente da dos demais perfis analisados, já que a sua estratégia de estilização de si é construída a partir de um diálogo mais informal, com maior toque de parceria com seu cliente, em um tom de travessura, com representação icônica que identifica risos e cumprimento debochado. Esses recursos se complementam com uma constante alusão ao teor sexual de suas ações, que se materializam em constantes convites apresentados pelo processo “vamos”.

Aliás, é bastante representativa a ideia de espaço e deslocamento que se intui nos enunciados dos modelos. A todo o momento, o cliente é convidado ao espaço de privacidade, que é economicamente vantajoso para ambos. Para o modelo, é a garantia de receber maior valor agregado, já para o cliente é a possibilidade de satisfazer o desejo. Outro aspecto que merece destaque é a impessoalidade da relação nesse jogo de prazeres que não promovem riscos para os parceiros, enquanto o cliente é aquele que tudo pode e de quem nada é cobrado. O modelo, por sua vez, tem a garantia da preservação de sua integridade física. Como é de conhecimento comum, pessoas trans possuem pouco espaço no mercado de trabalho mais formal, ficando restritos, muitas vezes, a essa única oportunidade de emprego.

Em contrapartida, no excerto seguinte, encontramos maiores tensionamentos e rupturas dos padrões de gênero, pois se colocam como possíveis outras performatividades, a exemplo do *sapiosexual* – quem é estimulado sexualmente por pessoas cultas e inteligentes – e *não-binário* – quem não se identifica como pertencente a nenhum dos gêneros binários.

#### Excerto 4

##### D

Homem trans, *não-binário!* 27 anos, 70 kg e 1.80 cm. Gosto de conversar, um bom papo me deixa muito à vontade. Sou *Sapiosexual*, Geek e Nerd. Apaixonado por cinema, filmes, séries, rock, pop, eletrônica e fã de carteirinha do universo Marvel e DC. Surfista desde a infância e adoro jogar vídeo game e jogos online. fascinado por viagens, novas culturas e idiomas, sou poliglota, adoro explorar o diferente. Gosto de pessoas educadas, então tenha educação que iremos nos dar muito bem. Venha me conhecer melhor, posso te mostrar o quanto um nerd pode ser safado... Gosto de fetiches, BDSM, voyeur e contos. *Sou afeminado, gosto de usar calcinha/cueca e isso não me faz menos homem.* \* Não sou garoto de programa \*

CHAT SIMPLES: Aqui podemos conversar, você pode me contar seus fetiches e vontades, também posso te falar melhor sobre mim, mostro meus peitinhos, minha calcinha/cueca, porém não fico nú e nem passo informações pessoais (whatsapp e facebook).

CHAT PRIVADO: No privado a conversa fica mais quente, posso realizar seus desejos, fetiches e vontades. Eu gosto quando a pessoa me deixa muito excitado, você pode ligar sua webcam e falar por áudio, melhor ainda se me disser o que gostaria de fazer comigo, *eu fico louco de tesão e muito molhado.* Eu tenho alguns brinquedinhos, vibradores, consolos e algumas surpresinhas rsrs. Venha e aproveite, curta o momento que com certeza esse nerd vai te deixar cheio de tesão.

Fonte: "Câmera Prive"

**D** se descreve como um modelo diferente dos demais que surgem no site; apresenta-se como um sujeito que, além de oferecer sexo como os demais, é uma pessoa culta, com conhecimento cultural diverso, envolvendo música, leitura, idiomas e viagens, portanto um produto diferenciado dos demais. Em sua descrição, o modelo tenta fugir dos rótulos de alguém que se prostitui; por essa razão, talvez seu perfil seja um dos

mais detalhados com características que fogem do que os usuários poderiam esperar de uma pessoa trans em site pornográfico. Para além de suas habilidades intelectuais, o modelo performatiza como um sujeito atlético, que gosta de surfar, característica que justifica seu corpo desejável e dentro das medidas ideais de produção de uma masculinidade/feminilidade padrão.

Em seu enunciado, há apenas dois momentos em que seus clientes são inseridos no seu enunciado: “podemos conversar”, “iremos nos dar muito bem”. Ademais, é uma interação organizada entre um “eu” (modelo) e “você” (usuário) como se constituísse uma conversa entre ambos: “Aqui podemos conversar, você pode me contar seus fetiches e vontades”, “a conversa fica mais quente”. Esse é um fato recorrente nesse perfil que se diferencia de outros talvez por se apresentar como um sujeito intelectualmente mais sofisticado do que demais.

Nessa interação, **D** não é apenas um modelo que satisfaz seu leitor em uma relação assimétrica entre um pagante e um ser objetivado. É recorrente em seus enunciados a apresentação de seus desejos: “Eu gosto quando a pessoa me deixa muito excitado”, “eu fico louco de tesão e muito molhado”. Outro aspecto que o diferencia é o ser afeminado que assume não se enquadrando em uma das formas fixas de masculinidades e feminilidades: “Sou afeminado, gosto de usar calcinha/cueca e isso não me faz menos homem”.

Como afirmamos no início desta seção, nossos sujeitos são heterogeneamente diferentes e singulares. O próximo excerto nos ajuda a entender detalhadamente a construção discursiva dos modelos.

#### Excerto 5

##### **E**

Homem trans, não binário e pansexual. Estudante universitário. Gosto de pessoas independente do gênero e do sexo. Sou um garoto com um corpo dito feminino, não possuo nenhuma operação cirúrgica. Tenho peitos e vagina, e isso não me faz ser menos homem. Meu corpo é o que eu sou, ele tem muito poder. O pênis não é a representação do homem, os genitais não são as pessoas. TRANSgrido as normas sociais binárias. TRANSbordo luta contra a heteronormatividade. E posso TRANScender o seu prazer.

Fonte: “Câmera Prive”

Assim como vimos no excerto 4, a construção semiótica do perfil de **E** indica uma pessoa que se apresenta como culta e a par de discussões contemporâneas que perpassam os estudos sobre transgeneridades. Esse fato, entre outras coisas, pode ser um elemento agregador na comodificação de si. Portanto, não oferece apenas prazer sexual, mas igualmente intelectual, aproximando-se de um imaginário social que apregoa a intelectualidade como masculina.

Ele informa ao usuário que é estudante universitário, logo no início da descrição, podendo indicar que, para o próprio modelo, uma educação universitária é algo que agrega valor ao seu perfil; além disso, percebemos esse acúmulo teórico também pela postulação “o pênis não é a representação do homem, genitais não são pessoas”, bem

como pelo uso do conceito heteronormatividade, que indicam que ele se afigura confortável com o uso desses conceitos.

O tom do perfil assemelha-se a um manifesto e a utilização de letras maiúsculas nos prefixos “TRANSgrido”, “TRANSbordo” e “TRANScender” pode indicar orgulho em ser uma pessoa trans e/ou até mesmo participação em grupos de ativismo. Encontramos, tanto no excerto 4 como no excerto 5, o enunciado “e isso não me faz menos homem”, indicando que os modelos estão cientes de como funcionam os jogos de gênero e que estão dispostos a romper com essas normas e negociar suas performatividades masculinas. Há um contraste no excerto 5, dado o fato de não haver uma conversa direta com o usuário do serviço. Diferentemente do que vimos no excerto 4, aqui há apenas um momento que sugere uma interação entre o modelo (eu) e o possível usuário (você); ainda assim, parece haver um acordo estabelecido que aloca o modelo no polo ativo da relação: “posso TRANScender o seu prazer”.

Uma observação descuidada pode focar a aparente contradição no discurso constante no perfil de **D**, ao colocar os léxicos homem e não binários para definir sua identidade de gênero; entretanto, esse efeito apenas ocorre dada a rigidez com que concebemos as performatividades possíveis de masculinidades e feminilidades. Definir-se como homem não-binário pode ser compreendido, nesse sentido, como uma performatividade contra-hegemônica de masculinidade.

Pelo que vimos até aqui em nossa análise, o foco central dos perfis perpassa os órgãos genitais dos modelos, tanto tamanho quanto capacidade de ejacular e produzir líquido mediante excitação. Sendo assim, o processo de estilização de si (BONFANTE, 2016) nos anúncios de homens trans no site brasileiro estudado parece ir ao encontro, também, do que propuseram Edelman e Zimman (2014), discussão que focaliza os enunciados de vídeos postados por usuários homens trans e pessoas transmasculinas no site de conteúdos pornográficos Xtube®. Os autores observam a forma como são apresentados os conteúdos dos vídeos e como o enfoque nas genitálias de homens trans e pessoas transmasculinas pode ser compreendido como performativo a partir do momento em que criam, ou recriam, o que aparentam descrever:

Nossa investigação da linguagem da corporificação genital situa a experiência trans vivida no corpo somático e sensual, bem como nas condições político-econômicas de sua produção (EDELMAN; ZIMMAN, 2014, p. 677 – tradução nossa<sup>10</sup>).

Nesse cenário, as expressões *boycunt* (buceta de menino) e *bonus hole* (buraco extra), presentes em muitos anúncios analisados, são utilizadas pelos autores para demonstrar que os corpos constroem o discurso tanto quanto o contrário, um moldando o outro e criando novas possibilidades existenciais.

O caráter performativo dos discursos ali presentes se faz bastante visível à medida que associações, a priori impossíveis dentro da gramática dos sexos e gêneros binários, heterossexuais e cisgêneros – “buceta de menino” – não só aparecem como possíveis,

10 “Our investigation of the language of genital embodiment situates trans lived experience in the somatic and sensual body as well as in the political-economic conditions of its production” (EDELMAN; ZIMMAN, 2014, p. 677).

mas como desejáveis. Dentro dessa perspectiva, a linguagem, em seus processos de repetição, possibilita que esses corpos transgressores negociem sua desejabilidade por meio de léxicos que culturalmente associamos às performances masculinas de estilização e erotização de si.

Ao focar nossos dados, pudemos perceber que o ato (performativo) de descrever corpos jurídico-anatomicamente compreendidos como femininos utilizando termos como homem com buceta promove uma ruptura dos fluxos cis-heteronormativos da linguagem. A repetição e sobreposição dessas palavras antagônicas tornam-se necessárias para descrever os corpos transmasculinos; ao passo que alocam esses corpos dentro da gama do possível, essas adaptações linguísticas vão moldando os discursos e corpos simultaneamente são criados e atravessados por esses discursos; por isso, se faz necessária a compreensão da interseccionalidade e relacionalidade intrínsecas à ação humana.

Os corpos trans aqui observados não apenas questionam a falaciosa rigidez e retidão entre sexo-gênero-desejo, como oferecem uma práxis alternativa, performática em termos butlerianos, que pode se mostrar útil para pensar outras questões sociais e políticas contemporâneas. Ao se colocarem expostas (literalmente), essas pessoas estão exercendo seu direito à aparição e, no caso, exercendo-o de forma a gerar lucros financeiros mediante essa exposição. Ao levantarmos essa questão, ponderações se fazem necessárias. Devemos levar em consideração o espaço virtual como fundamentalmente relevante, dado que possibilita uma exposição com vulnerabilidade reduzida em relação à aparição (BUTLER, 2018) de corpo presente; fora desse espaço virtual, os modelos estariam muito mais vulneráveis e suscetíveis à violência. Isso, contudo, não retira o caráter performativo dos perfis analisados, exercido a cada curtida, cada comentário de elogio, cada avaliação positiva; talvez sem saber, aqueles usuários que avaliam os shows dos modelos analisados estão validando, por assim dizer, os discursos ali colocados em plataforma. Como em outros lócus, há uma multiplicidade de discursos aqui, ora colocados em disputa, ora em congruência, discursos que sustentam definições de masculinidades hegemônicas e que, ao se depararem com outras performances possíveis, podem ir afrouxando um pouco seus limites.

Não podemos deixar de observar, além das rupturas, os resquícios estruturais que se mantêm. É no que sobra, no que permanece, que podemos ver com maior nitidez as estruturas seculares que vêm aprisionando os corpos. São essas as estruturas mais difíceis e mais necessárias de serem rompidas.

Durante o processo de análise dos dados, pudemos observar que ainda vemos uma maioria de corpos brancos, musculosos, homonormativos e que minimamente possuem condições para ter um bom computador, câmera e internet, fora a necessidade de ter conta em banco – que no caso de uma pessoa trans no Brasil não é tão fácil, por conta de o nome social – ou a retificação do registro civil – em muitos contextos não ser ainda aceito. Mais que a hermenêutica dos corpos, é a lógica operacional que chama nossa atenção. Segundo depoimentos recolhidos para este trabalho, a grande procura durante os shows é por ver as vaginas dos modelos: “o que mais pedem é pra ver o órgão genital, como uma vagina fica em mim”; “o negócio deles é ver homem de buceta literalmente”. Excertos como esses demonstram, em termos práticos, o que Edelman e Zimman compreendem como autodeterminação.

Situar os homens trans como ‘homens de corpos femininos’ sugere que o gênero é aberto para a autoidentificação, enquanto o ‘sexo’ constitui uma categoria imutável que é fundamentalmente diferente do gênero. No entanto, mesmo homens trans que renunciam à cirurgia genital – ou a qualquer modificação corporal – podem reivindicar o descritor de corpo masculino para si (Zimman, 2014). **Ao fazê-lo, eles fazem uma afirmação ousada, sugerindo que o sexo é, de fato, aberto à autodeterminação**, de tal forma que um ‘corpo masculino’ pode ser definido como o corpo de um homem (autoidentificado) (EDELMAN; ZIMMAN, 2014, p. 680 – tradução e grifo nosso)<sup>11</sup>.

Durante nossa observação, pudemos perceber esse efeito ocorrer em diversos momentos, seja na exaltação do tamanho do clitóris, em analogia ao pênis cisgênero, como vemos no excerto 2 – “6 cm de clitóris” – ou como no perfil observados – “o macho com buceta que você procura” – que exalta uma masculinidade hegemônica ao se usar o léxico *macho* e concomitantemente desconstruir a ideia de *macho* = *pênis*. Outra forma de desestabilização observada é o ato de transitar tranquilamente entre os gêneros, mostrando assim seu caráter espectral, como podemos ver no perfil de excerto 4 – “Sou afeminado, gosto de usar calcinha/cueca e isso não me faz menos homem” – ou ainda no Excerto 5 – “Sou um garoto com um corpo dito feminino, não possuo nenhuma operação cirúrgica. Tenho peitos e vagina, e isso não me faz ser menos homem”. Ambos reiteram que o fato de não exercerem com seus corpos um ideal de gênero não retira de jogo suas masculinidades; vemos aqui exemplos dos afrouxamentos e negociações a que nos referimos anteriormente, já que tanto **D** como **E**, que inclusive se identifica como não-binário, negociam suas masculinidades de forma a permitir e incorporar elementos socialmente distanciados do gênero masculino.

Apesar de apresentarmos aqui o caráter discursivo dos modelos analisados, durante as entrevistas, ficou também evidenciada uma direta ligação com as lógicas neoliberais e suas tendências de mercantilização dos corpos, fluidos e prazeres. As estratégias linguísticas que utilizam no espaço do site, ao mesmo tempo em que possibilitam essas negociações de performances de masculinidades não-hegemônicas (ainda que não possamos dizer contra-hegemônicas), acabam por dialogar de forma próxima com a agenda capitalista contemporânea.

Os relatos obtidos nas entrevistas servem para refletir acerca dessa comercialização de corpos e fluidos do mercado pornográfico. Ao serem perguntados se gostavam do trabalho, um deles respondeu: “Não gosto, faço pelo dinheiro”. Aparentemente há um incômodo com o fato de estar realizando esse trabalho. Um dos entrevistados afirmou: **“O trabalho é gostoso, divertido, mais ou menos rentável por ser categoria nova, curiosidade de saber como somos; pra mim é de boa; gosto de fala e mostra.”**

A questão, contudo, não é o gostar ou não, ter consciência ou não, mas como funciona a lógica dessa estilização de si em nossa sociedade e como esses corpos aqui observados dialogam como suas estruturas, conforme nos lembra Paul B. Preciado:

11 “To situate trans men as ‘female-bodied men’ suggests that gender is open for self-identification, whereas ‘sex’ constitutes an immutable category that is fundamentally different from gender. Yet even trans men who forego genital surgery—or anybody modification at all—may claim the descriptor male-bodied for themselves (Zimman, 2014). In doing so, they make a rather bold claim, suggesting that sex is, in fact, open to self-determination such that a “male body” can be defined as the body of a (self-identified) man.” (EDELMAN; ZIMMAN, 2014, p.680)

A sexualidade sempre implica um governo preciso da boca, mão, ânus, vagina. Até recentemente, a relação entre compra/venda e dependência que unia o capitalismo aos trabalhadores também regia a relação entre os gêneros, o que era concebido como uma relação entre o ejaculador e o facilitador da ejaculação. A feminilidade, longe de ser natureza, é a qualidade da força orgástica quando pode ser convertida em mercadoria, em objeto de troca econômica, em trabalho” (PRECIADO, 2013, p. 47 – tradução nossa)<sup>12</sup>.

Talvez uma interpretação mais coerente diga que o corpo generificado pode ser, e é, convertido em força de trabalho. Fato é que corpos enquadrados dentro do escopo das feminilidades foram historicamente alocados para essas funções por regimes machistas; entretanto, na contemporaneidade, vemos outros corpos também exercendo essas funções de facilitadores de ejaculação. Vemos aqui esses homens e suas aparições performativas convertidas em mercadoria, seu prazer convertido em trabalho e seus fluidos, em dinheiro.

## À GUIA DA CONCLUSÃO

Neste artigo, encampou-se o intento de compreender como se dá a construção discursiva de anúncios de modelos transmasculinos em um site pornográfico. O escopo deste estudo se justifica no momento histórico, dada a maior visibilidade desses corpos, particularmente nas mídias. Paralelamente, percebe-se que as pessoas trans ainda são vistas como seres abjetos que desestabilizam padrões de uma sociedade heteronormativa. Dessa forma, ainda permanece pouco espaço social de empregabilidade de homens trans diante da transfobia.

Os sites pornográficos, por sua vez, se tornaram espaços que legitimam e desejam esses corpos, vistos como exóticos e bastante lucrativos em uma indústria ávida por novidades. Diante desse quadro, revelou-se pertinente investigar esse contexto; para tanto, valemo-nos de um referencial teórico e metodológico advindo das teorias *queer*. Neste estudo, ficou evidente que, diferentemente do que possa apregoar o senso comum, os modelos trans, como qualquer agrupamento humano, são bastante heterogêneos, com performatividades que ora se distanciam, ora se aproximam dos mecanismos reguladores de gêneros.

Não obstante, o que pudemos perceber foi o caráter performativo das aparições em questão. Os processos de negociação de masculinidades presentes nos discursos analisados parecem acompanhar o que percebemos tanto nos movimentos sociais quanto nas ruas. Outras possibilidades de performances começam a desabrochar em meio à rigidez das normas de gênero hegemônicas ocidentais.

12 “The sexual body is the product of a sexual division of flesh according to which each organ is defined by its function. A sexuality always implies a precise governing of the mouth, hand, anus, vagina. Until recently, the relationship between buying/selling and dependence that united the capitalism to the workers also governed the relationship between genders, which was conceived as a relationship between the ejaculator and their facilitator of ejaculation. Femininity, far from being nature, is the quality of the orgasmic force when it can be converted into merchandise, into an object of economic Exchange, into work” (PRECIADO, 2013, p. 47).

Sobre o caráter performático das expressões de gêneros, podemos aferir, com base nos trabalhos de Butler (2010; 2018), que as identidades de gênero e suas corporificações são performáticas, tratando-se de construções cotidianas e sociais de símbolos que, impressos nos corpos, equivalem a pertencer a um ou outro gênero binário. Nesse sentido, os processos de estilização de si que observamos em algumas mulheres trans, travestis, cisgêneras, ou ainda homens cisgêneros ou transgêneros que façam *drag*, não diferem tanto assim uns dos outros. Essa divisão dos gêneros, ainda segundo a perspectiva butleriana, é ainda performativa, ou seja, ao mesmo tempo reproduz e co-cria performances corporais que, associadas aos valores contextuais, vão reiterando sua validade. Sobre isso Jesus (2018):

As identidades de gênero são construídas pela linguagem, vale dizer, não existe identidade de gênero que preceda a linguagem. É nesse sentido que o gênero é performativo. Por essa razão o sujeito está num processo de devir sem fim, podendo reassumir ou repetir sua performatização de diferentes maneiras (JESUS, 2018, p. 70).

Quando focamos o contexto observado neste artigo, as performances de gênero apresentadas funcionam dialeticamente, ora tensionando, ora reafirmando os estereótipos de gênero tradicionalmente associados às masculinidades hegemônicas, criando, dessa forma, novas possibilidades corporais e discursivas compreendidas dentro do escopo das masculinidades.

Isso não implica necessariamente uma mudança estrutural grande e perceptível, nem mesmo significa uma melhora na vida de pessoas transmasculinas e homens trans. Entretanto, podemos pensar com certo otimismo que os processos históricos se dão com essas mudanças discursivas que ocorrem também nas linhas do cotidiano. Ainda considerando que habitamos várias e distintas temporalidades concomitantemente, podemos perceber alguns avanços e resistência, ao menos no que tange às transgeneridades, uma vez que em 2018, no Brasil, foi autorizada, por meio do Provimento N° 73 de 28/06/2018<sup>13</sup>, a alteração de registro civil com base na autodeclaração.

Outro aspecto relevante é entender que essas negociações observadas no site ocorrem dentro de um discurso de comodificação desses sujeitos que os constituem como um mero objeto de compra e venda de corpos. Talvez seja uma das razões por que pessoas trans vêm recebendo tanta atenção do mercado neoliberal, desejoso por novidades que possam se constituir em mercadoria lucrativa.

No plano da linguagem, trabalhos dessa natureza podem auxiliar a entender como o discurso produz e visibiliza novas performances masculinas, no caso dos homens trans, no contexto digital e como essas aparições apresentam-se como performativas, conforme discutido no presente trabalho. Esse contexto também se tornou fundamental para entender as relações de afetos/sexuais na contemporaneidade. Cada vez mais vem se tornado comum o uso de aplicativos e de sites na busca de parceiros. Portanto, conhecer as regras sociais e discursivas que emanam desse contexto é chave mestra para interagir nesse espaço que afeta inexoravelmente nossas relações presenciais.

Por fim, acreditamos que, com base nesta investigação inicial, outras poderão ocorrer, conferindo novas feições à área de Linguística Aplicada, bem como aos Estudos

13 Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=3503>. Acesso em: 19 jun. 2019.

de Gênero, para que possamos ampliar nossa leitura das relações sociais por meio da linguagem.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, v. 20, p. 513-523, 2012.

BONFANTE, G. M. *A Erótica dos Signos em Aplicativos de Pegação: performances íntimo-espetaculares de si*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2016.

BORBA, R. *Desaprendendo a ser: trajetórias de socialização e performances narrativas no Processo Transexualizador do SUS*. Doutorado (Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014a.

BORBA, R. Sobre os obstáculos discursivos para a atenção integral e humanizada à saúde de pessoas transexuais. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, v. 17, p. 66-97, 2014b.

BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. *Cadernos Pagu*, n. 43, p. 441-473, 2014c.

BORBA, R. Receita para se tornar um 'transexual verdadeiro': discurso, interação e (des) identificação no processo transexualizador. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 55, p. 33-75, 2016.

BUTLER, J. *Problemas de gêneros: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas sobre uma teoria performativa de assembleia*. Trad. Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

EDELMAN, E. A; ZIMMAN, L. Boycunts and Bonusholes: Trans masculine bodies and the sexual productivity of genitals. *Journal of Homosexuality*, 61, p. 673-690, 2014.

EDELMAN, E. A. Not 'In' or 'Out': Taking the 'T' Out of the 'Closet'. In: ZIMMAN, Lal; DAVIS, Jenny; RAELAW, Joshua (Eds.). *Queer Excursions: Retheorizing Binaries in Language, Gender, and Sexuality*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma indisciplinaridade radical. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 1, 2017. p. 1-19.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

JESUS, D. M. Cultura da Violência: discursos sobre assassinatos de travestis entre internautas. In: JESUS, D. M. *Corpos Transgressores: políticas de resistência*. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 67 – 80.

MOITALOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

NERY, J. *Viagem solitária: Memória de um transexual – 30 anos depois*. Rio de Janeiro: Leia Brasil, 2011.

MOIRA, A. *E se eu fosse puta*. São Paulo: Hoo Editora, 2016.

RECIADO, Paul B. *Testo junkie: Sex, drugs, and biopolitics in the pharmacopornographic era*. New York: The Feminist Press at CUNY, 2013.

SHALOM, C. That great supermarket of desire: attributes of the desired other in personal advertisements. In: HARVEY, K; SHALOM, C. (Eds.). *Language and desire: encoding sex, romance and intimacy*. London and New York: Routledge, 1997.

SOUZA, D. S; ZOLIN-VESZ, F. Da hospitalidade à intolerância ao migrante árabe: construções discursivas sobre um mesmo Brasil. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 57, p. 877-893, 2018.